



Planeta Terra

Marão, o irreverente animador carioca de muitos curtas, como *O arroz nunca acaba*, já fora responsável por unir jovens animadores (entre eles, Fabio) em torno da absurda e iconoclasta série coletiva *Engolervilha*, cujo terceiro episódio já extrapola com o nome de *Engole logo uma jaca então*. Diversas técnicas e um total descompromisso com lógica e ética fazem um terreno fértil para extravasar em catarse as linguagens e técnicas experimentais de vários animadores.

Dentre os nomes revelados por esta série está também o de um jovem cearense, Diego Akel, que assume a bandeira do cinema de animação experimental no conceito McLaren: formas abstratas, pesquisa de texturas e descompromisso com personagens e narrativas prontamente reconhecíveis. Diego tem atuado com oficinas e seminários em Fortaleza e promete continuar a expandir esta tendência em sua comunidade.

É importante mesmo que estruturas e recursos sejam mantidos para ampliar nossos laboratórios de linguagens. Um dos mais antigos laboratórios se mantém há 21 anos em um cenário idílico, à beira da Floresta da Tijuca, no Horto do Rio de Janeiro: o Visgraf (Laboratório de Visualizações Gráficas) do Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada), onde a equipe liderada pelo *designer*, fotógrafo e matemático Luiz Velho cria *softwares* e sistemas que fazem cada vez mais junções de conhecimentos musicais, de dança e de captura de movimento muito interessantes e intrigantes para a comunidade artística. Não existem (ainda) casos de obras artisticamente reconhecidas (por exemplo, filmes premiados em festivais de cinema) feitos com as ferramentas digitais pesquisadas pelo Visgraf, mas pode-se apostar que isso não demorará a acontecer.

Marcio Ambrósio, animador e artista plástico paulista com passagem pela Bélgica, explora o fazer intuitivo da animação com interfaces digitais interativas em instalações performáticas como *Oups* e o *Grafite animado*, mostrados ao público em eventos como o festival Anima Mundi. Aliás, uma das marcas do festival é justamente o Estúdio Aberto, onde os futuros talentos descobrem o prazer da experimentação com o quadro a quadro. Não deixa de ser um laboratório temporário e democrático a céu aberto, no mês de julho, quando acontece o festival no Rio e em São Paulo.

Ultimamente o foco de atenção para a animação tem se voltado para a conquista do mercado brasileiro de séries de TV e longas para cinema, fato indiscutivelmente importante, histórica e estrategicamente. À medida que este mercado se estabelece (e ainda há muito caminho a percorrer), vai se evidenciando cada vez mais a necessidade destes laboratórios de novas possibilidades. O importante é que esta vocação de pesquisa, natural e intuitiva na arte da animação, não se deixe perder na ambição estreita de atender ao que o mercado começa a determinar, pelo simples e cômodo vício da repetição. Pois a história mostra que os mercados mais sólidos e frutuosos foram conquistados com a inovação, e esta é uma lição que, no que diz respeito aos animadores, apesar de sua vocação natural, precisa sempre ser renovada.



Estúdio aberto no Anima Mundi

Marcos Magalhães é cineasta de animação, autor de *Animando* e *Meow!* (premiado em Cannes), professor pleno de Animação na PUC-Rio e um dos diretores do Anima Mundi, Festival Internacional de Animação do Brasil.